



Esteban Actis
Julieta Zelicovich
Tomás Listrani Blanco
Carolina Zaccato
Marcelo Troncoso
María Lis Rolandi
Javier Alejandro Orso
Dalila Emilse Capeletti
Ignacio Odriozola
Jorge Federico Jaef
Joshua Hurtado
María Belén Serra

Erika Beckmann
Miguel Paradela López
Ornella Uberti
Virginia Zamboni
Eduardo Ueda
Gabriel Aver
Macarena Mercado Mott
Mayco Alejandro Macias
Eduardo Diez
Micaela Finkielsztoyn
Atilio Boron

A identidade “sem terra” e a educação campesina no assentamento Antônio Companheiro Tavares

The “sem terra” (“without land”) identity and the rural education in the Antonio Companheiro Tavares settlement

EDUARDO G. UEDA*

GABRIEL P. AVER**

*Estudiante avanzando de Ciencia Política y Sociología por la Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Correo electrónico: eduardouedda@gmail.com

**Estudiante avanzando de Ciencia Política y Sociología por la Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Correo electrónico: ave_gabriel@hotmail.com

256

Resumo

Com base nas pesquisas realizadas no assentamento Antônio Companheiro Tavares e entrevistas cedidas, o presente artigo objetiva analisar o processo da construção e consolidação identitária dos Sem Terra. Neste sentido, procura compreender a maneira que se dá a educação (formal e informal) tanto para os jovens como para os adultos. As ferramentas teóricas utilizadas são os conceitos de habitus e capital simbólico de Pierre Bourdieu, as análises de Salete Caldart sobre a educação no MST e o conceito de “mundo da vida” da fenomenologia de Alfred Schutz. As lutas do movimento não se resumem ao seu lema “ocupar e resistir”,

Abstract

Based on researches made on the Antonio Companheiro Tavares settlement and given interviews, the objective of this article is to analyse the process of identity construction and consolidation of the “Sem terra”. In this way, it seeks to understand the way education is given (formal and informal) both in young people and adults. The theoretic tools used are the concepts of symbolic capital of Pierre Bourdieu, the analysis of Salete Caldart of the education in the MST and the concept of “mundo da vida” (“world of life”) of the phenomenology of Alfred Schutz. The struggles of the movement can't be reduced to their slogan “ocupar e resistir” (“to occupy and resist”),

há problemáticas internas que também têm sua relevância, afinal estamos falando de um movimento construído em cenários conflituivos, numa aposta de organização de baixo pra cima. A educação de seus jovens e a formação da identidade Sem Terra são alguns exemplos dessas problemáticas internas. Contudo, as questões que o assentamento passa não são as mesmas que o movimento, existindo ainda muitas coisas a serem estruturadas no primeiro. Há problemas particulares do assentamento que se diferem, e muito, das pautas do MST. Abordá-los faz parte de entender a construção identitária como um processo complexo.

Palavras-chave

Identidade “sem terra” — Educação — Assentamento Companheiro Tavares

Introdução

O assentamento Antônio Companheiro Tavares tem mais de 15 anos e surgiu de um acampamento na fazenda do grupo Bamerindus, propriedade de José Eduardo Andrade Vieira, ex-senador do Paraná e ex-ministro da agricultura no governo de Fernando Henrique Cardoso.

Em sua fase inicial, o acampamento contava com cerca de 680 famílias. Não havia espaço para todos, como relata Everaldo Matias Lopes à Simone Tatiane Pedron, em uma entrevista realizada dia 1 de abril de 2011 no assentamento, “Começou com 680 famílias, a área era pequena e não dava para tudo, uma parte ficou aqui, e a maioria seguiu para outros acampamentos da região.” (Pedron, 2011:4).

Em 2 de setembro de 1998 foi emitida a posse definitiva da área pelo INCRA-Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Agora as terras eram legalmente de quem produzia. Essa é a história do assentamento que está viva com muitos dos ainda moradores de Antônio Companheiro, que agora possui 81 famílias assentadas. Muitas pessoas que estavam no momento de ocupação

there are internal issues that also have their relevance, after all we are talking of a movement built in conflictive scenarios, in a bet of an organization from bottom to top. The education of their younglings and the formation of the “Sem Terra” identity are some examples of internal problematics. Nevertheless, the issues that the settlement go through are not the same as the movement, as there are still many things that need to be structured in the first one. There are particular problems of the settlement that differ, and a lot, from the MST guidelines. To approach them makes part of the understanding the identity construction as complex process.

Keywords

“Sem terra” identity — Education — Companheiro Tavares settlement

e resistência levam essa “identidade Antônio Companheiro Tavares” em constante mutação, junto com a identidade Sem Terra própria do movimento. Antes da ocupação do MST (Movimento dos trabalhadores sem terra), a fazenda Bamerindus era considerada pela mídia como exemplo na produção de pesquisas agropecuárias. Com a ocupação das terras, houve muita pressão externa para saber o que seria feito com a fazenda além de assentar aquelas famílias. Assim, buscando corresponder aos interesses sociais e utilizando-se da nova metodologia agroecológica, expressa nos cadernos de formação do MST, teve início no ano de 2000, um projeto de implantação do ITEPA - Instituto Técnico e Educacional de Pesquisa da Reforma Agrária, voltado ao campo da capacitação e da formação humana.

Dezesseis anos depois da conquista da terra percebe-se que muito da identidade conquistada através das lutas sofreu alterações com o passar do tempo. Segundo Gilberto, morador e uma das lideranças do assentamento, cerca de apenas 12 famílias das 81 seguem as diretrizes de agroecologia do MST.

Isso se deve ao fato de aparentemente existir uma perda de valores identitários no assentamento, dado que mesmo depois de formados pelo ITEPA muitos jovens saem de suas casas para trabalhar em empresas ligadas ao agronegócio. Um exemplo da contradição em que o assentamento se encontra é o fato de a Cooperativa Agroindustrial Lar estar na vizinhança do assentamento também na BR-277, onde há emprego (e com uma perspectiva salarial que dentro do assentamento seria impossível) para um jovem que acaba de se formar. Vale salientar que por muitas vezes condições materiais e questões econômicas se sobrepõem às práticas ideológicas, a crenças e a própria identidade do sujeito.

Assim é interesse deste artigo analisar a questão da educação, bem como a construção²¹⁰ da identidade dentro do assentamento Antônio Companheiro Tavares, e demonstrar como ambas se inter-relacionam por diversas vezes. Várias entrevistas²¹¹ foram gravadas e são usadas neste trabalho como evidências que sustentam as alegações feitas.

Da educação

Como parte do contexto histórico político que o Movimento Dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra protagoniza - onde o desinteresse por uma reforma agrária popular e a falta de projetos pedagógicos para o campo brasileiro determinam a maneira que atua o MST - é quase intuitivo pensar que eles possuem propostas pedagógicas para as 350 mil famílias ligadas ao movimento, isso por que o desenvolvimento da Educação do Campo foi esquecida pela política institucional, fato demonstrado pelo Parecer do Conselho Nacional de Educação (Parecer CNE/CEB n. 36/2001):

²¹⁰Abordaremos a identidade como uma construção individual que é condicionada pelo contexto social do sujeito. “O construtivismo enfatiza a construção discursiva do caráter da identidade e, portanto, sua abertura para qualquer mudança de identidade.” (Larain, 2000: 37, *apud*, Rosa, (s.n.t)). A identidade está em constante construção, podendo ela se modificar de acordo com as interações do indivíduo com a sociedade, com o seu grupo e com o meio que esta inserido como um todo.

²¹¹Todas entrevistas foram realizadas no dia 29 de junho de 2015 e alguns nomes foram alterados a fim de preservar a identidade das pessoas envolvidas.

“No Brasil, todas as constituições contemplaram a educação escolar, merecendo especial destaque a abrangência do tratamento que foi dado ao tema a partir de 1934. Até então, em que pese o Brasil ter sido considerado um país de origem eminentemente agrária, a educação rural não foi sequer mencionada nos textos constitucionais de 1824 e 1891, evidenciando-se, de um lado, o descaso dos dirigentes com a educação do campo e, do outro, os resquícios de matrizes culturais vinculadas a uma economia agrária apoiada no latifúndio e no trabalho escravo.” (CNE/CEB, 2001, *apud*, Barbosa, 2014:152).

Por isso a importância do MST - aliado a parceiros como a Comissão da Pastoral da Terra (CPT), União Nacional das Escolas Família Agrícola do Brasil, e claro, todas as demais organizações ligadas a Via Campesina Brasil - lutarem pela construção da educação do campo.

A educação é o alicerce de toda a estrutura do MST, e podemos a distinguir de duas maneiras:

1. A Educação Tradicional, isto é, a relação professor/aluno, a qual está fortemente ligado ao projeto educacional do assentamento Companheiro Tavares, através do projeto do ITEPA, que embora esteja temporariamente parado, formou vários técnicos em agroecologia e têm projetos futuros de pós-graduação vinculado à Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).
2. A educação através das vivências do cotidiano, isto é, o conjunto de práticas, valores, técnicas e etc. apreendidos pela convivência entre os sujeitos, no dia a dia dessas pessoas. Segundo Roseli Salete Caldart:

“Os Sem Terra se educam participando diretamente, e como sujeitos, das ações da luta pela terra e de outras lutas sociais que aos poucos foram integrando à agenda do MST. É esta participação que humaniza as pessoas: primeiro no sentido de que devolve à vida social pessoas que estavam dela excluídas [...]; segundo, no sentido de que a pedagogia da luta educa para uma determinada postura diante da vida: nada é impossível de mudar, e quanto mais inconformada com o atual estado de coisas mais humana é a pessoa; ou seja, exatamente o contrário da pedagogia da socialização que predomina nos chamados meios educacionais, onde estar em movimento e ter atos de contestação ou rebeldia é sempre visto como "má-educação": é preciso afastar-se daqueles baderneiros do MST!” (Caldart, 2001:214)

Esses dois tipos de educação têm funções importantíssimas dentro do microcosmos do Assentamento Antônio Companheiro Tavares. A educação através das vivências do cotidiano está presente no assentamento. Quando um filho vai com seus pais para trabalhar a terra ou quando vê os mesmos se unindo nas ações de mobilização, ele está em um processo de aprendizagem e construção do ser social - e claro, do ser Sem Terra. Quanto a educação tradicional, o assentamento não possui uma escola para educação infantil/fundamental, então as crianças precisam se locomover até o centro de São Miguel do Iguaçú, onde recebem uma Educação Tradicional Neoliberal.

3.1 A educação neoliberal e a educação Sem Terra

O projeto de educação do MST é uma peça fundamental na construção da “identidade Sem Terra” das crianças e adolescentes dos assentamentos e acampamentos. A escola itinerante tenta trazer uma educação baseada nos ideais do movimento, voltada às práticas agroecológicas e à luta do campo nos acampamentos do MST e é muito importante para criar raízes no movimento em seu processo de socialização primária. Esta educação se dá de forma específica, voltada ao movimento, com material didático elaborado pelo mesmo, com professores formados com base nos ideais de luta do MST e com um objetivo diferenciado das escolas convencionais.

Quando já se tem formado o assentamento não há mais necessidade de escolas itinerantes - essas tem a característica de auxiliarem na educação básica de acampados - pois agora os jovens tem moradia fixa, tem melhores estruturas e podem estudar nas escolas da cidade, embora em alguns poucos assentamentos existam escolas dentro do assentamento voltadas para a comunidade. Em todo caso, o movimento tenta sempre criar uma educação diferenciada, uma educação campesina para suas crianças.

A teoria dessa educação distinta, proposta pelo MST, se difere da realidade vivida no assentamento Antônio Companheiro Tavares, assim como relata Carlos²¹², assentado desde 2002 em São Miguel do Iguaçu: “Quando eu vim pra cá [...] era a escola José Gomes da Silva [...] mas com toda a burocracia acabou dando zebra”. O assentamento, tem um projeto excelente de educação, tanto básica, como o projeto ITEPA, já citado, mas tomou uma direção contrária; Hoje, no assentamento, não há uma educação específica destinada às crianças e adolescentes, deste modo, estes são obrigados a irem à cidade de São Miguel de Iguaçu, onde recebem uma educação convencional e neoliberal.

Para as crianças do MST pode ser prejudicial frequentar uma escola oferecida pelo Estado, pois esta educação possui características neoliberais que, segundo Sonia Alem Marrach (1996:2) são:

1. Atrelar a educação à preparação para o trabalho;
2. Tornar a escola um meio de transmissão de princípios doutrinários;
3. Fazer da escola um mercado para os produtos da indústria cultural e da informática.

A Educação Neoliberal esta atrelada à ideologia imposta pelo Banco Mundial, Lopes diz: “O Banco Mundial (BM) tem sido um ator importante no cenário da política educacional dos anos noventa no Brasil, considerando a educação como um instrumento fundamental para promover o crescimento econômico e a redução da pobreza.” (Lopes, 2007:3). O Banco Mundial agiu diretamente na maneira em que o projeto educacional em países em desenvolvimento iria vir a funcionar, foi inclusive proposto um pacote de reformas educativas. Lopes em seu artigo *As Influências do Modelo Neoliberal na Educação* (2007) separou quatro elementos distintivos do pacote de reformas:

1. A prioridade depositada sobre a educação básica; que é responsável, comparativamente, pelos maiores benefícios sociais e econômicos e considerada elemento essencial para um desenvolvimento sustentável e de longo prazo, assim como para aliviar a pobreza.
2. A melhoria da qualidade (e da eficiência) da educação como eixo da reforma educativa; Verifica-se que a qualidade localiza-se nos resultados e

²¹²Alguns nomes foram alterados para preservar a identidade dos entrevistados.

esses se verificam no rendimento escolar, sendo julgado a partir dos objetivos e metas propostos pelo próprio equipamento escolar, sem questionar a validade, o sentido e os métodos de ensino daquilo que se ensina. Nesse resultado 4 o que conta é o “valor agregado da escolaridade”, isto é, o benefício do aprendizado e o incremento na probabilidade de uma atividade geradora de renda. Como terceiro aspecto das medidas do Banco Mundial aos países em desenvolvimento temos:

3. A prioridade sobre os aspectos financeiros e administrativos da reforma educativa; propõe-se, especificamente: a) a reestruturação orgânica dos ministérios, das instituições intermediárias e das escolas; b) o fortalecimento dos sistemas de educação (apontando de maneira específica de recolher dados em quatro itens: matrícula, assistência, insumos e custos); e c) a capacitação de pessoal em assuntos administrativos.

4. Descentralização e instituições escolares autônomas e responsáveis por seus resultados; Descentralizar implica em uma alteração profunda na forma de exercer o poder político, significa o remanejamento do poder central, que passa a conferir autonomia política, financeira e administrativa às outras instâncias de poder público, envolvendo “necessariamente alterações nos núcleos de poder, que levam a uma maior distribuição do poder decisório até então centralizado em poucas mãos” (Lobo, 1990). Pode também ser definida como “o ato de confiar poder de decisão a órgãos diferentes dos do poder central, que não estejam submetidos ao dever de obediência hierárquica e - acrescentam alguns - que contem com autoridades eleitas democraticamente” (Casassus, 1995, *apud*, Lopes, 2007:16).

Uma educação voltada à essas características gera um conflito ideológico nos sujeitos do MST, por que estes são educados através das ações do dia a dia, e quando chegam em uma escola neoliberal, recebem uma educação totalmente oposta, tendo em vista que a educação itinerante bem como as próprias práticas cotidianas têm como objetivo discutir a experiência dos acampamentos e assentamentos aliada a prática pedagógica, articulando uma “escola segundo os interesses da classe trabalhadora do campo, nos limites das contradições da época” (Freitas, 2009:13).

3.2 A formação da identidade através da educação do campo

“Os Sem Terra se educam participando diretamente, e como sujeitos, das ações da luta pela terra e de outras lutas sociais que aos poucos foram integrando à agenda do MST. É esta participação que humaniza as pessoas: primeiro no sentido de que devolve à vida social pessoas que dela são excluídas [...]; segundo, no sentido de que a pedagogia da luta educa para uma determinada postura diante da vida.” (Caldart, 2001:43)

Para compreendermos como se dá a educação através do acúmulo de experiências cotidianas, podemos nos basear no conceito de “mundo da vida”, isto é, “Cada indivíduo constrói seu próprio ‘mundo’; Mas o faz com o auxílio de materiais e métodos que lhe são oferecidos por outros: o mundo da vida é um mundo social que, por sua vez, é preestruturado para o indivíduo” (Wagner, 1979:17), desenvolvido por Edmund Husserl e analisado e aprimorado por Alfred Schutz através da fenomenologia.

Além do ensino fundamental básico, que poderia estar inserido no assentamento, existe também a educação proveniente de cada indivíduo dentro do movimento, ou seja, educação doméstica e familiar, uma educação que influencia o sujeito a continuar na luta pela terra e prosseguir com as ideias do movimento, que envolvem os princípios da agroecologia e da multiculturalidade (negando os padrões do agronegócio de monocultura para exportação ou terceirização da safra e sendo adepto a uma cultura de produção para o consumo), entre outras.

A formação “Sem Terra” de um indivíduo é proveniente da educação através de suas vivências dentro do movimento, da trajetória tanto do indivíduo como do conjunto. A história do indivíduo, desde acampado até ser assentado, é fundamental para a formação e consolidação das ideias do movimento em cada um.

É também fundamental nesta formação, que os pais estimulem seus filhos, nascidos nos assentamentos e acampamentos a participarem do trabalho no campo, para que conheçam a produção de sua família e para que estejam hábeis à continuar a produção familiar após sair da casa de seus pais. Também é importante que os pais influenciem seus filhos a participarem das místicas realizadas frequentemente pelo movimento, pois é um modo próprio do movimento de fomentar e consolidar seus ideais em todos os indivíduos trazendo a tona suas ideologias e principalmente sua história de luta e resistência.

A participação frequente no cotidiano do movimento é essencial para que o indivíduo tenha experiências no “mundo da vida” capazes de formar sua identidade dentro do movimento, para arraigar seu compromisso e seu amor pela causa e pelos ideais do movimento social do qual participa.

O assentamento de São Miguel do Iguazu enfrenta problemas em relação ao ensino através do acúmulo de experiências cotidianas.

“A revolta delas de nós termos vindo pra cá é que lá elas conheciam o pessoal inteiro. Lá elas eram envolvidas na escola, nas místicas, nas formaturas, tudo! Elas participavam de tudo! Aí quando viemos pra cá eles tiravam sarro delas ‘essas tinguinha que ficam gritando grito de ordem’ que lá elas eram acostumadas, tiravam sarro delas por isso, vinham pra casa chorando. Vestiam camisa do movimento, que lá elas viviam usando, e aqui tiravam sarro.”

Relata Maria²¹³, assentada em São Miguel do Iguazu há oito anos. A dificuldade na convivência, por inúmeras razões, comprometem o compromisso de Paloma, filha mais nova de Maria, com o movimento. Não haver místicas e contato próximo, em uma escola itinerante ou no próprio assentamento, com as outras crianças, filhos e filhas de assentados, compromete a visão dela em relação ao movimento.

4. Da Questão Identitária

A incorporação do caráter identitário nas organizações sociais rompem com a antiga definição de movimento social (os Movimentos Sociais Tradicionais) - como os movimentos de obreiros, movimentos de cunho socialista, etc. - que

²¹³ O nome foi alterado para proteger a identidade da entrevistada

são movimentos de classe. Ao passo que a formação da identidade é tida como ponto fundamental dos movimentos originados no fim do século XX (os chamados Novos Movimentos Sociais ou NMS) - movimento LGBT, movimentos culturais, de raça e etnia, etc. Segundo Touraine, Os Novos Movimentos Sociais não combatem diretamente um adversário de classe (Touraine, 2006:19), porém nota-se que o MST tem o agronegócio como seu oponente, ou seja, um adversário de classe muito bem definido, não se enquadrando dessa vez na definição de NMS, mas é inegável que o movimento apresenta algumas características de NMS, como o apelo identitário. Percebe-se então que essa definição não é suficiente para explicar a configuração do MST, isto porque a construção identitária do movimento, e mais diretamente do assentamento, está relacionada à territorialidade e ancestralidade com o território.

“... la construcción de un lenguaje sobre la territorialidad se ha venido cargando de nuevas significaciones y valoraciones, a partir del rechazo a una concepción eficientista e instrumental que exhiben tanto los gobiernos como las empresas transnacionales y determinados actores locales.” (Svampa, 33).

Assim, a identidade do assentamento Antônio Companheiro se constrói a partir da oposição ao capital estrangeiro e ao agronegócio, mas também a partir do modo de desenvolvimento que o MST tem para o território de São Miguel que é antagônico ao do agronegócio, gerando assim um conflito não meramente econômico, mas também um conflito pelo território conquistado pelos camponeses.

Neste tópico iremos nos ater ao elemento que mantém os camponeses que já estão assentados, ou seja, que já possuem terra, ainda militantes a causa do movimento. Defenderemos o argumento de que o principal motivo para que os assentados ainda se mantenham alinhados à ideologia do MST é a construção da identidade nos sujeitos.

Segundo Alberto Melucci, os movimentos sociais que desenvolvem identidade em seus membros tem maiores chances de manterem esses membros dentro do movimento e prontos para uma ação coletiva, uma vez que a identidade coletiva de determinado grupo produz um sentimento de pertencimento a esta comunidade é criado um estado emocional que faz com que os sujeitos de tal grupo se sintam bem fazendo parte do movimento (Amparán; Gallegos, 2007). Já quando as pessoas sentem fazer parte de uma unidade, quando elas sentem um afeto pelo grupo, é menos provável que o movimento perca seus integrantes. De forma que sem identidade pouca coisa pode manter a coesão do grupo, ainda mais quando a comunidade exterior ao movimento apresenta a ilusão de ter algo que dentro do grupo seria impossível conseguir.

As problemáticas da questão da identidade do MST são diferentes dos problemas que o assentamento Antônio Companheiro Tavares enfrenta. São apenas um número em torno de 12 famílias no assentamento que mantém o alinhamento com o MST. Sendo assim, nota-se que as famílias do assentamento vem sofrendo com crises de identidade.

As famílias que residem desde o acampamento tendem a não refletir esse problema, mas as famílias que vieram de outros assentamentos demonstram seu descontentamento sobre a falta de ações para criar essa mentalidade de “Sem Terra” nas pessoas. É o caso da família da Dona Maria, que mora há 7

anos em São Miguel com seu pai e duas filhas (Ana²¹⁴ de 14 anos e Marta²¹⁵ de 16). A família veio do assentamento da Lapa/PR e esperava que houvesse uma escola dentro do assentamento. Ela conta, emocionada, que não foi como esperava: “eu pensei que ia ter coisas no assentamento que falavam do movimento e da organização”. E completa sobre a educação na cidade que suas filhas tem: “Lá é estudar pra ser gari, é estudar pra ser lixeiro”. Sua filha mais nova, Ana, de 14 anos, diz que não quer continuar no assentamento e que pretende se desligar do movimento assim que puder.

As relações que essa família possui são um tanto diferentes das outras em que foram feitas as entrevistas. O *habitus*²¹⁶, sofreu uma alteração na relação mãe-filha. Levamos em conta o *habitus* como toda a carga social que é capaz de moldar a maneira que o indivíduo verá o mundo. A Dona Maria nasceu no campo e logo se inseriu na luta pela terra por influência do seu pai, assim, junto com muitas outras coisas, o *habitus* influenciou na maneira em que Dona Maria iria se ligar as relações sociais do seu meio, favorecendo a construção da identidade “Sem-Terra”. Em compensação, suas filhas, embora tivessem o exemplo e estivessem no mesmo meio em que sua mãe cresceu, não tiveram na prática a vivência do MST.

A rotina de Ana, por exemplo, é ir para a escola na parte da manhã, ao meio-dia voltar para casa, almoçar; e dormir na parte da tarde, depois fazer tarefas da escola e às 18h ajudar a mãe a tirar leite. É um contraste quando comparada a rotina de Pedro²¹⁷, de 16 anos de idade, que trabalha ajudando a família ao longo do dia e estudando a noite: “Tenho bastante tempo para estudar, a escola é aqui perto, o ônibus vem pegar a gente, é bom morar aqui, posso ajudar, ter experiência... E tem meu irmão e minha irmã que também estudam, ele faz veterinária e ela biologia.” Pedro é filho de Paulo, uma das lideranças do assentamento. Quando criança, Pedro participava das ações do Sem-Terrinha e estava bem inserido no movimento. Mas o mesmo se deu com Ana, quando sua família vivia em Lapa/PR. Ela participava dos eventos do MST e relata que gostava muito de participar das místicas que eram realizadas.

Então, se ela quando criança, teve dentro do seu círculo de interações sociais a identidade Sem Terra com uma base tão forte, quer dizer, se havia a prática no *habitus* de Ana, então o que gerou essa mudança de pensamento?

Ana chega ao assentamento Antônio Companheiro Tavares com 6 anos. O motivo da mudança foi por questões de saúde de seu avô, que sofre de bronquite crônica. O deslocamento foi traumático para ela, sair do lugar onde viveu sua primeira infância e ir para outro, desconhecido, onde nem casa garantida eles teriam, não seria fácil, isso somado ainda ao fato de ter crescido em um assentamento com forte presença do movimento (e ter incorporado esses valores), e ao chegar a sua nova moradia sofrer de

²¹⁴ O nome foi alterado para preservar a identidade da entrevistada.

²¹⁵ O nome foi alterado para preservar a identidade da entrevistada.

²¹⁶ O *habitus*, conceito de Pierre Bourdieu, é um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano (Setton, 2002:63). O *habitus* é então o conjunto de práticas que determinam os valores que moldam a maneira que o indivíduo vê e age para com o mundo.

²¹⁷ O nome foi alterado para preservar a identidade do entrevistado.

zombarias por parte das outras crianças²¹⁸. “Chegavam em casa chorando, ‘não, mãe, as crianças tiram sarro de vestir a camisa do movimento.’ [...] Depois que viemos pra cá elas perderam o amor de ler um livro, de fazer uma mística.” conta Dona Maria.

O *habitus* enquanto incorporação das estruturas sociais no indivíduo é fundamental para compreender a herança cultural passada de geração para geração. Embora Ana possa ter sido influenciada pela relação que tinha com o antigo assentamento e incorporado valores da sua família, ao chegar no assentamento de São Miguel do Iguazu o *habitus* que em Lapa/PR tinha maior valor simbólico tinha agora um menor valor. Empregaremos o conceito de capital simbólico²¹⁹, para explicar a perda da identidade “Sem-Terra” nessas crianças, afim de colocar em conflito a carga cultural/identitária das meninas vindas da Lapa e a mesma carga das crianças que conheceram. O capital simbólico que as crianças de Dona Maria possuíam era diferente ao dominante nas relações das crianças que já estavam lá. Assim, a identidade que fora construída nas crianças de Dona Maria já não tinha tanto valor.

Dentro do microcosmo do assentamento Antônio Companheiro, os valores dominantes não seguem as diretrizes do MST. Isso quer dizer que o capital simbólico que Ana trouxe do outro microcosmo (onde os valores dominantes são os valores do movimento) criou uma distância entre ela e as outras crianças. Em outras palavras, o *arbitrário cultural dominante*²²⁰ desfavorece a identidade e o *habitus* da família. Talvez isso sirva de explicação - bem geral - para o fenômeno que fez com que Ana se sentisse deslocada.

As próprias estruturas do assentamento não favoreciam a formação de Ana. Na seguinte frase, podemos notar que nasceu uma certa fragilidade na identidade sem-terra de Maria: “O problema é que aqui não tem o incentivo, ‘o que eu vou ficar fazendo aqui?’ eles querem estudar, querem as coisas delas. A renda não é suficiente, nós produzimos de tudo, mas não conseguimos vender, fiz uma plantação de maracujá para elas venderem, pra elas terem dinheiro, mas não tem pra quem vender”. Há semelhanças entre o que Dona Maria disse e o que Ana quer, que é estudar (fora do assentamento) e se desvincular do movimento. Como vimos acima com a tese de Melucci, sem identidade os sujeitos podem vir a fazer cálculos de custo-benefício a cerca de se manter no grupo ou não, e se os benefícios fora do movimentos forem maiores do que dentro, eles irão se desligar.

Elas estudaram na escola estadual, junto com crianças do meio urbano e de diferentes classes sociais, naturalmente tiveram que conviver com a heterogeneidade de um colégio estadual. Lá também houveram ataques contra a sua identidade em formação. Dona Maria conta que suas crianças

²¹⁸Não fica evidente se essas crianças são filhas de assentados, ou se são as crianças com que elas tiveram contato. Em ambos os casos houve um processo de coerção que fez com que Ana tentasse se “adequar” as novas normas.

²¹⁹Mais além do Capital Tradicional (econômico), Bourdieu cria o conceito o Capital Simbólico para explicar acúmulo de recursos ou poder, que inferem nos costumes e hábitos de um grupo ou sociedade, por exemplo as músicas e a linguagem dominante que cada grupo tem: a música clássica e a língua padrão com as classes altas e a música popular e a linguagem informal com as classes baixas. Um sujeito que fala a norma padrão da língua em um grupo onde há predomínio da linguagem coloquial sofreria sanções, pois o capital simbólico que este possui, não tem tanto valor quando longe de seu locus de enunciação.

²²⁰Modo de agir, pensar e sentir dominante, que é imposto para os demais membros da sociedade/grupo.

sofriam discriminação: “a escola era fora do assentamento e os professores humilhavam elas”.

Essa influência externa existe, é ingenuidade acreditar que o MST está livre dela. Felipe²²¹, ex-morador do assentamento Antônio Tavares, técnico em agroecologia pelo ITEPA explica:

“A realidade é universal [...] o capitalismo no estágio em que está não dá pra dizer que o MST é um sujeito isolado. Então as ações que são feitas no campo da formação humana, tanto fora ou interna, sofre influência de todos os lados. Porque somos isso. Por exemplo, não existe um acampamento isolado das relações sociais que se tem hoje na sociedade [...] e essa influência da sociedade nós vamos sofrer. Não só na escola do município, vamos sofrer a todo momento. Eu posso até ter uma escola no assentamento, mas quem disse que vou estar imune de sofrer influência? Os meios de comunicação estão ali direto! Através da TV, do rádio, da propaganda. ‘O que é bom para aquilo, o que é bom isso’. É tudo marketing! Então, a influência é através da escola, dos meios de comunicação. A forma de se vestir, a forma de agir, então, é uma coisa unificada do capital que vai se concretizando na prática, [...] nossas famílias são bem carentes, o que se passa na televisão muitos dos jovens não podem ter. É uma influência bem negativa, que leva ao esvaziamento do campo, como se fosse fácil ter isso na cidade.”

Em contra partida, Pedro estuda no mesmo colégio e mantém sua afeição pelo assentamento intacta. Isso quer dizer que, como o assentamento não possui forte presença (como místicas, eventos, grupos de estudo e, claro um reduzido número de pessoas engajadas) do MST, a formação da identidade Sem Terra se dá quase que unicamente pelas mãos do *habitus*, que é passado de geração em geração pelas relações sociais que o indivíduo tem²²². Pedro tem em seu dia a dia muito do que é a realidade de seus pais, do trabalho no campo e da luta pelo movimento, enquanto que Ana só tem a realidade prática do trabalho e espírito de coletividade quando ajuda sua mãe a tirar leite.

Embora o assentamento se encontre numa situação em que as ações do movimento estão “mornas”, inclusive com o fim dos cursos do ITEPA em 2012, há agora uma expectativa da retomada das atividades e por tanto, dos valores identitários. No dia em que fomos visitar o local foi convocada uma assembleia para ser discutido temas pertinentes ao assentamento, cerca de 14 pessoas participaram, e é provável que o ITEPA abra dois cursos em parceria com a UNILA²²³ em 2016, então é de se esperar que a identidade MST volte a ser dominante. Muito embora, não haja formação sem prática, como conta Felipe: “A gente tenta construir no sujeito, no indivíduo, aquele valor da coletividade. Geralmente, a gente faz um diálogo sobre o ‘espírito do sacrifício’, a gente procura trabalhar essa questão que é muito ruim na sociedade que é a exclusão e a parte de gênero. Então essas coisas a gente trabalha, e vai tentando construir algo nesse caminho. Mas acho que isso (a

²²¹O nome foi alterado para preservar a identidade do entrevistado.

²²²Também é por isso que abordamos a construção da identidade nos jovens pela reprodução de valores e pelo exemplo, não cometeríamos o erro do reducionismo, restringindo a questão identitária a esse ou aquele hábito herdado

²²³Universidade Federal da Integração Latino-Americana

identidade) você vai encontrar mais na formação, na prática. Através dos núcleos de base na estrutura orgânica do MST, você vai ver os valores impregnados na prática [...] e assim vamos construindo o sujeito político”.

4.1 Da identidade fruto do êxodo urbano²²⁴

Ainda hoje acontece o êxodo rural que esvazia a zona rural do país e aumenta as zonas urbanas, culminando nos problemas próprios das metrópoles, uma pesquisa realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) com projeções da ONU em 2001 traz um panorama de super lotação do meio urbano e esvaziamento do meio rural em 2050.

Contudo, segundo o IBGE recentes (2010) apontam uma diminuição no êxodo rural pela metade em comparação com a década passada. Essa diminuição tem como causa a qualidade de vida no campo estar aumentando, fazendo com que os moradores de zonas rurais permaneçam em suas casas e claro, com que famílias com más condições de vida no meio urbano migrem para zonas rurais. O MST tem feito um trabalho de integração dessas pessoas.

Existe uma dificuldade em entender como essas pessoas que antes viviam no meio urbano conseguem criar a identidade camponesa sendo que viveram em cidades, Felipe, formado em agroecologia no ITEPA explica: “Geralmente as pessoas eram do meio urbano. Acontece que o êxodo rural é uma consequência, por que quando ocorreu o êxodo rural junto com a revolução verde, os nossos pais saíram do campo, saíram e foram pra cidade, e sofreram com os problemas que se alastram pela cidade. Com o MST eles voltam para o campo, grande parte deles já são camponeses [...] eles vão lembrar de muita coisa, eles vem e encontram no MST uma forma muito boa de formação e organização de luta”. Isso quer dizer que grande parte das pessoas que vivem no meio urbano já tem formada a identidade camponesa, e com a educação do movimento nasce a formação e instrução da militância de cada um.

267

5. Considerações Finais

Os movimentos sociais e organizações camponesas vem ocupando o espaço que o Estado deixa vazio na educação camponesa, as ações de grupos como o MST se esforçam para construir a Educação Tradicional em seus acampamentos e assentamentos, também faz parte da luta do MST a cada vez maior incorporação da Educação Através das Vivências do Cotidiano. O motivo para os movimentos sociais prezarem tanto por educação para seus integrantes é que a educação é uma maneira de se formar a identidade nos sujeitos, e que como sugere Amparán e Gallegos é necessário que os sujeitos tenham cada vez maiores capacidades cognitivas para agir individualmente e resolver problemas complexos inerentes a nossa sociedade: “La creciente mediación de sistemas de información simbólicos en la producción requiere de sujetos con capacidades cognitivas incrementadas para manejarlos y con capacidad para adoptar decisiones de manera rápida y autónoma.” (Amparán e Gallegos, 2007:137).

A Educação Através das Vivências do Cotidiano se dá dentro de um microcosmo pelas interações entre os sujeitos, e claro, não é necessário

²²⁴A justificativa de usar o termo “Êxodo Urbano” é que embora ele não esteja acontecendo em âmbito nacional é uma realidade para os assentamentos.

investimento em infraestrutura ou qualquer outra coisa, já a Educação Tradicional depende de investimentos estruturais, motivo pelo qual nem todos os assentamentos têm escolas, fazendo com que as crianças estejam vulneráveis à Educação Neoliberal. As escolas públicas têm em suas diretrizes o modelo criado a partir do pacote de reformas imposto pelo Banco Mundial, ou seja, a educação representa os interesses da classe burguesa, criando contradições entre as crianças do assentamento e a comunidade externa, contradições estas que como visto no tópico 3.2 são incorporadas pelo Mundo da Vida do sujeito e possuem caráter identitário/ideológico.

A identidade tem o papel de criar laços afetivos e emocionais do sujeito para com o grupo, bem com torná-lo parte integrante desse coletivo, o que garante que haja predomínio de consciência coletiva em detrimento da individual. Ao passo que sem identidade, a Tese da Mobilização de Recursos traz uma explicação eficiente para explicar o fenômeno da diminuição de famílias que exercem a agroecologia e a aparente falta de interesse pelas ações do assentamento, uma vez que o único elemento importante para esse tipo de análise é a escolha racional que os indivíduos fazem conforme as oportunidades. Dado que empresas como a LAR (Cooperativa Agroindustrial LAR) oferecem, por vezes, oportunidades melhores do que as que um morador pode encontrar dentro do assentamento, fazendo com que eles abandonem os princípios do MST e quiçá o próprio assentamento. Daí a importância dada a identidade - a falta dela - como expressão interior dos problemas do assentamento e solução exterior.

Conforme o desenvolvimento deste artigo pudemos ver que o assentamento, em meio a toda composição natural de tensões e contradições dos movimentos sociais, têm como principal problema a formação da Identidade; As gerações mais novas não têm adquirido a característica camponesa, o que cria mais uma contradição no assentamento, agora entre gerações, afinal as antigas gerações seja pelas lutas no início de Companheiro Tavares, quando ainda era um acampamento ou pela luta do movimento em outras regiões tiveram os meios de construir a sua identidade. Os jovens vem perdendo essa identidade Sem Terra, por razões como: a falta de oportunidade para pessoas com formação dentro do assentamento; pela falta de incentivo da comunidade; as próprias contradições internas do assentamento como a divisão em seguidores da agroecologia e não seguidores; além das forças externas como a Cooperativa Agroindustrial que se localiza muito próxima e que já contratou moradores do assentamento.

Foi visto que apesar de as projeções apontarem para o êxodo rural alegando que o mesmo não cessará nas próximas décadas o ritmo em que o êxodo se dá vem desacelerando continuamente, e que, pela ótica dos assentamentos o que se dá é um êxodo urbano, ou seja mais gente sai das cidades para ir para o campo do que o oposto. Vimos também que a prenoção de que os antigos residentes do meio urbano que se mudam para o campo se ligando ao MST não possuem identidade camponesa não se sustenta, uma vez que se aprofundando no tema percebe-se que a realidade é outra, afinal muitas das pessoas que viviam nos centros urbanos na verdade são camponesas que tiveram suas trajetórias mudadas por momentos históricos como o a Revolução Verde.

Através da pesquisa realizada no dia 29 de junho de 2015 e, conforme as bases teóricas utilizadas neste artigo podemos afirmar que há uma ligação estreita e paralela entre a formação da identidade “Sem Terra” e a educação

dentro dos movimentos sociais e, em especial, dentro do Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra; Podemos concluir que, baseado na fenomenologia de Alfred Schutz, a educação formal, através de escolas próprias do MST (projeto ITEPA do assentamento Antônio Companheiro Tavares que, ainda que temporariamente inativo, tem certa importância para o assentamento), juntamente com a educação informal, isto é, a educação e o aprendizado no cotidiano dentro dos acampamentos e assentamentos - através das místicas, do convívio e participação ativa na produção familiar - são fundamentais para a formação da identidade Sem Terra nos militantes deste movimento. E que quando todas estas maneiras de construção e consolidação identitária não estão presentes irão surgir contradições na identidade dos indivíduos do grupo.

6. Bibliografia

- Amparán, Chihu Aquiles y Gallegos L. Alejandro, (2007) “La construcción de la identidad colectiva en Alberto Melucci” - POLIS, vol.3, núm.1, pg.125-159
- Barbosa, P. Lia, (2014), “As dimensões epistêmico-políticas da educação do campo em perspectiva latino-americana”, Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.22, no.2, p.143-169.
- Caldart, R. Salete, (2001), “O MST e a formação dos Sem Terra: o movimento social como princípio educativo”, Revista SciELO - Scientific Electronic Library Online, São Paulo, v.15, no. 43.
- Caprio, Marina, Lopes, M. P. Ediane, As influências do modelo neoliberal na educação - Disponível em:
http://www.fclar.unesp.br/Home/Departamentos/CienciasdaEducacao/RevistaEletronica/edi5_artigoedianeledes.pdf (acessado em 12/10 de 2015)
- Bueno, M. Sylvia, Junior. S. A. Celestino e Marrach, A. Sonia (1996) “Neoliberalismo e educação”, Junior, G. Paulo, Infância, Educação e neoliberalismo, Editora Cortez, Pg. 42-56.
- Lombardi, Matheus, (2011), Êxodo rural cai pela metade em uma década, diz IBGE. Uol economia, São Paulo, Disponível em:
<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/04/29/exodo-rural-cai-pela-metade-em-uma-decada-diz-ibge.htm> (acessado em 08/07 de 2015)
- Pedron, T. Simone, (2011) “Educação e MST: Experiências educativas no ITEPA - Assentamento Antônio Companheiro Tavares em São Miguel do Iguçu- PR”, I Seminário Internacional dos espaços de fronteira, Marechal Cândido Rondon.
- Pedron, T. Simone, (2013) “As Experiências Educativas No Curso De Técnico Em Agroecologia Do Centro De Formação Do Assentamento Antônio Companheiro Tavares-PR.” Anais do VI Congresso Internacional de História, Marechal Cândido Rondon.
- Schutz, A, (1979), “Bases da fenomenologia”, Wagner, H. R, Textos escolhidos: A fenomenologia e as relações sociais, Rio de Janeiro, Editora Zahar, Pg 06-50.
- Silva, M. Irizelda, (2012), “Escola Itinerante: Uma análise para além da sala de aula”, IX ANPED SUL, Planaltina do Paraná, Disponível em
<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1383/82>
(Acessado em 12 de outubro de 2015)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), censo demográfico brasileiro, 2010:

<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=8> (acessado em 08/07 de 2015)

Touraine, Alain, (2006), Los movimientos sociales, revista colombiana de sociología, pg. 255-278

Malfatti, A. Selvino, (2011), “Os Movimentos Sociais em Alain Touraine”, Revista Estudos Filosóficos, Lisboa, nº 6, versão eletrônica - ISSN 2177-2967, Pg. 217-228

ROSA, Guilherme Carvalho da. “A discussão do conceito de identidade nos estudos culturais”, (s.n.t)

Setton, G. Maria, (2002), “A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea”, Revista SciELO - Scientific Electronic Library Online, São Paulo, No 20, Pg 60-154.